

A Inserção e a Aceitabilidade do Licenciando e o Recém - Licenciado: Universidade - Mercado de Trabalho na Guiné-Bissau

INTRODUÇÃO

O estudo tem o objetivo de contribuir para aprofundar a compreensão sobre a vivência de jovens no que se refere à transição Universidade - Mercado de Trabalho. As preocupações em analisar a dinâmica que se estabelece entre Universidade - Mercado de Trabalho atual guineense e de Jovens portadores de um Diploma de Nível Superior, surgiu devido às dificuldades de inserção e aceitação, assim como a exploração e a falta de uma política salarial para o enquadramento categórico dos Recém – Licenciados.

A transição da Universidade para o mercado de trabalho é uma das trajetórias centrais para os jovens no caminho da construção da vida adulta. Sarriera e Verdin (1996) consideram o período de transição Escola Trabalho crítico para o desenvolvimento da juventude, porque certas implicações – como a perda da condição de aluno e do apoio da Escola, a perda da influência da família, pela necessidade de o indivíduo construir uma identidade própria, a falta do *status* de trabalhador e do apoio da empresa – podem produzir sentimentos de impotência, de insegurança, de apatia e de desorganização, e, por conseguinte, de adoecimento, de comportamentos anti-sociais ou de fuga da realidade, caso o jovem não esteja preparado e apoiado para a aquisição do *status* de cidadão ativo e produtivo.

¹ASD – Abdulai Sombille Djaló. Graduado em Administração. Mestre em Sociologia Política. LINHA DE PESQUISA: Estado, Mercado, Empresariado e Sistemas Financeiros Internacionais.

De acordo com Gazo-Figuera (1996), a resolução de momentos-chave, que se constituem em subprocessos de transição ocorridos nos diferentes âmbitos da vida do jovem (na universidade, no trabalho, na família e na comunidade), determina o processo total de transição e conduz o jovem a uma diversidade de trajetórias até a fase adulta. A autora enfatiza que a transição pode processar-se antes da Licenciatura, no caso de o Universitário (Estudante - Trabalhador ou Trabalhador Estudante) manter um contato formalizado com o mercado de trabalho, mas o alargamento do período escolar no contexto universitário prolonga os processos de Inserção Social plena, fazendo com que o jovem permaneça em seu lugar de origem e seja financeiramente dependente nos primeiros anos de transição ao mercado de trabalho, para, posteriormente, alcançar a INDEPENDÊNCIA total da família.

Dentro de uma perspectiva psicossocial, Gazo- Figuera (1996) aponta a necessidade de um modelo explicativo do processo de inserção do jovem universitário no mercado de trabalho que articule tanto variáveis contextuais – macroeconômicas (binômio oferta quantitativa e qualitativa e demanda do mercado de trabalho) e microeconômicas (a titulação, a qualidade da instituição formadora, a dinâmica particular dos mercados de trabalho, etc.) – quanto pessoais (gênero, classe social, procedência geográfica, rendimento acadêmico, formação complementar, imagem do papel profissional, construção da identidade ocupacional, significado subjetivo atribuído ao trabalho e exploração de uma carreira profissional) e que considere o Licenciado sujeito ativo de sua própria INSERÇÃO.

Como Sanchis (1997), Gazo-Figuera (1996) entende que a universidade deve assumir um papel de apoio ao estudante para facilitar a inserção no mercado de trabalho. A referida autora sugere, como política educacional, a criação de uma estrutura de informação sobre a dinâmica do mercado de trabalho que sirva de referência e de fundamentação para as decisões institucionais e os projetos profissionais dos estudantes.

No âmbito da orientação universitária, Gazo-Figuera (1996) sugere o desenvolvimento de programas de orientação e de intervenção, durante a fase de transição ao mercado de trabalho, que sigam as seguintes recomendações: (a) aplicação em contextos próximos do aluno; (b) treinamento em habilidades de tomada de decisão e busca de emprego; (c) desmistificação de percepções e de conceitos que reforcem a conduta passiva frente ao mercado de trabalho; (d) construção de programas de desenvolvimento pessoal para estudantes com

problemáticas específicas; (e) integração a uma política de emprego que facilite a atuação em nível microcontextual. A adoção de alguns desses pontos poderia garantir ao jovem uma passagem mais amena para a vida adulta, fazendo com que ele conseguisse ultrapassar com maior apoio social os obstáculos referentes ao período de Transição Universidade - Mercado de Trabalho. Em síntese, importa retomar que tudo que foi exposto corrobora a noção de que a Transição Universidade - Mercado de Trabalho é uma das experiências mais marcantes para a juventude à qual o estudo se refere, embora não se constitua na única experiência, mas, ao contrário, seja interdependente de demais experiências e restrita aos jovens que têm acesso à EDUCAÇÃO SUPERIOR.

RERÉM – FORMADO FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO GUINEENSE

Ao analisar o movimento do modo de acumulação capitalista, Baltar (1996) e Dedecca (1996) procuram desmontar a ideia de que estaríamos experimentando um período de flexibilização das relações de trabalho fruto da desarticulação do sistema de normas e leis estabelecidas, mas, pelo contrário, o que se tem verificado é uma nova maneira de regulação coerente com os objetivos reclamados pelo momento atual do sistema de produção capitalista. Para estes autores estamos vivenciando uma nova forma de pobreza como consequência da exclusão de uma boa parcela de trabalhadores de setores tradicionalmente melhor estruturados, ao mesmo tempo em que ocorre a inserção de um grande número em empregos informais. Este fato, aliado às precárias condições que sempre configuraram as relações de trabalho na Guiné-Bissau tendem a agravar ainda mais a exclusão e desigualdade SOCIAL no PAÍS.

A atual via de desenvolvimento marcada pela abertura da nossa economia ao capital externo (CEDEAO e UEMOA), como justificativa de inserção do país na "nova ordem mundial" conjugada com as medidas racionalizadoras adotadas com vistas a garantir um padrão de produtividade e competitividade tem trazido uma série de implicações sociais, políticas e econômicas. Dentre estas, o desemprego que atinge um grande número de trabalhadores, sobretudo JOVENS RECÉM – FORMADOS. De salientar que a falta de preocupação, consideração, respeito e de um engajamento efetivo, eficiente e eficaz por parte do GOVERNO da Guiné-Bissau

no auxílio dos jovens em melhor enfrentar os desafios e/ou amenizar o impacto das dificuldades na Transição Universidade - Mercado de Trabalho tem provocado o aumento de uma certa desigualdade socioeconômico no País, principalmente na camada juvenil.

A busca pela inserção, aceitabilidade do Licenciando e o Recém – Licenciado no mercado de trabalho na Guiné-Bissau, tem provoca a frustração dos jovens em suas expectativas de ingresso e de estabilidade rápida no mercado de trabalho após a Licenciatura. Fato este, tem levado alguns dos autores em debate no estudo a reformular seus projetos de vida, adotando outras trajetórias, tais como a opção de um novo curso universitário ou de uma pós-graduação, o retardamento da constituição de nova família, a aceitação de um emprego de menor remuneração para a aquisição da experiência na profissão, a ocupação de um emprego em uma área diferente de sua formação ou a busca de trabalho em outras cidades ou países.

Relevante frisar que muito pouco se tem valorizado e/ou promovido os quadros jovens guineenses no mercado de trabalho. O que leva o estudo a indagar por varias questões como: o porquê de não promoção dos recém – formados? **O porquê da promoção dos outrem “estrangeiro”?** O porquê da exploração massiva dos recém – formados? Seria por falta de formação superior (claro que não)? Seria por de falta de experiência (talvez)? - Mas poderia ter uma pessoa experiência sem uma oportunidade? – (claro que não), são varias indagações que pairam no ar, mas o estudo vai-se ater a essas indagações reflexivas para fazer uma chamada de atenção aos órgãos competentes (Governo da República da Guiné-Bissau, Sociedade Civil, os DEPUTADOS da NAÇÃO Guineense, etc). De ressaltar que a Guiné-Bissau não possui de uma política para o enquadramento dos Recém – Formados, para contribuir no sistema de crescimento e desenvolvimento do País como um todo.

REFERÊNCIAS

BALTAR, P. E. de A. et al. Mercado de trabalho e exclusão social no Brasil. In: OLIVEIRA, C.A.B. de; MATTOSO, J. E. (orgs). **Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?** São Paulo: Scritta, 1996. p. 87-108.

BALTAR, P. E. de A.; PRONI, M. W. Sobre o regime de trabalho no Brasil: rotatividade da mão de obra, emprego formal e estrutura salarial. In: OLIVEIRA, C.A.B. de; MATTOSO, J. E. (orgs). **Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?** São Paulo: Scritta, 1996. p. 109-148.

DEDECCA, Cláudio S. **Racionalização econômica e heterogeneidade nas relações e nos mercados de trabalho no capitalismo avançado.** In: OLIVEIRA, C. A. B.

GAZO-FIGUERA, P. **La Inserción del Universitario en el Mercado de Trabajo.** Barcelona: EUB, 1996.

MATTOSO, J. E. (org) **Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?** São Paulo: Scritta, 1996. P.55-86.

SARRIERA, J. C.; VERDIN, R. **Os Jovens à Procura do Trabalho: uma Análise Qualitativa.** Revista PSICO, Porto Alegre, v. 27, n. 1, pp. 59-70, 1996.

SANCHIS, E. **Da Escola ao Desemprego.** Rio de Janeiro: Agir, 1997.